



Outorga do Título de Professor Emérito a

Leyla Beatriz Perrone-Moisés

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

**CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO
DE PROFESSOR EMÉRITO**

Profa. Dra. *Leyla Beatriz Perrone-Moisés*

SAUDAÇÃO PROFERIDA POR

Prof. Dr. *Gilberto Pinheiro Passos*

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Profa. Dra. Leyla Beatriz Perrone-Moisés.

São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002.

23 p.

Discursos por Gilberto Pinheiro Passos, Leyla Beatriz Perrone-Moisés

ISBN 85-7506-088-0

1. Ensino superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Perrone-Moisés, Leyla Beatriz II. Passos, Gilberto Pinheiro III. Série

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

Eloá Di Pierro Heise

DISCURSO DE SAUDAÇÃO 9

Gilberto Pinheiro Passos

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA
DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO 17

Leyla Beatriz Perrone-Moisés

APRESENTAÇÃO

É com orgulho e satisfação, que o Departamento de Letras Modernas apresenta os discursos proferidos por ocasião da cerimônia de outorga do título de Professor Emérito à Profa. Dra. Leyla Beatriz Perrone-Moisés, a primeira docente de nosso Departamento a receber esta honraria.

Nada mais justo do que se render homenagem a essa mentora de todos nós, por sua indiscutível e notável liderança intelectual, não só em sua área específica de atuação – a literatura francesa – mas também por sua marcante presença no âmbito da inteligência brasileira: como premiada ensaísta, tradutora, jornalista, docente no exterior, fomentadora de trabalhos inéditos, quer como orientadora de teses, quer como criadora do Núcleo de Pesquisas Brasil-França, sediado no Instituto de Estudos Avançados.

É, sem dúvida alguma, uma honra e um privilégio raro contar com o gabarito da Profa. Dra. Leyla Beatriz Perrone-Moisés entre nós.

Profa. Dra. Eloá Di Pierro Heise
Chefe do Departamento de Letras Modernas

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Prof. Dr. Gilberto Pinheiro Passos
Docente do Departamento de Letras Modernas

Gostaria de começar esta alocução, saudando as autoridades universitárias, os colegas, funcionários, alunos e demais presentes, que aqui estão para homenagear Leyla Beatriz Perrone-Moisés, na outorga do título de Professor Emérito desta casa.

Por indicação do Departamento de Letras Modernas, coube-me a honra de saudá-la, em nome da Congregação da Faculdade. Durante algum tempo, eu me perguntei se merecia tal honra, já que o Departamento conta com professores de carreira mais meritória do que a minha, mas acabei concluindo, com Roland Barthes, em sua admirável *Leçon*, que se a honra que me conferem não é merecida, a alegria o é, porque confirma o privilégio que tive de acompanhar a carreira de Leyla durante quase vinte e cinco anos, na condição de aluno, orientando, colega de docência e de pesquisa, além de admirador contumaz.

Para seus ex-alunos, colegas e amigos, essa ocasião se afigura não só como momento de júbilo, mas também de reflexão sobre o papel do intelectual e a relação entre a cultura e a sociedade, possibilitada por trajetória tão rica e variada. Digo isso, porque nos anos sessenta, Leyla aliou ao trabalho docente no segundo grau, a condição de jornalista que se dirigia a um público bastante amplo, na secção “Letras Francesas” de *O Estado de São Paulo*.

Talvez esteja aí, se me é permitido interpretar carreira tão frutífera, uma das condições essenciais de sua trajetória futura, qual seja, a vontade

de dar a conhecer, de modo acessível, claro e ordenado, a parcela da cultura - que era, naquela publicação, a francesa - tomando por base o que parece extremamente atilado e preciso: o lugar do intelectual brasileiro, conhecedor das necessidades daqueles a quem se dirige, o panorama cultural a que está adstrito, estabelecendo, dessa maneira, diálogos sem paternalismo nem pedantismo.

Daí um dos apanágios de toda a sua trajetória: falar de literatura, sem que leitores e alunos tivessem a impressão de estar se submetendo a um discurso absconso, ininteligível, mas pelo contrário, com a nítida sensação de que lhes era feito um convite à conversa inteligente, ao descortino de novos horizontes, onde a erudição - necessária nesses casos - não ensombrecia a comunicação. Lembro-me, como orientando, de que Leyla sempre insistia na concisão e clareza do trabalho acadêmico, afirmando ser a forma cortês de diálogo com a banca e o público.

Entabular essa conversa frutuosa caracterizava a aceitação da possibilidade de progresso da sensibilidade e do tirocínio de cada um e a informação - sempre embasada teoricamente - repercutia e, ainda hoje, continua repercutindo. Eis aí um dado que importa considerar sempre, na carreira de Leyla, pois, informar sem constranger, é um dos maiores atributos do intelectual verdadeiramente democrático.

A outra nota forte de sua trajetória, que tem sido o esforço constante de colocar o público brasileiro frente à intensa vida cultural francesa, se corporifica, por exemplo, em tantas traduções, feitas ao longo da carreira ou nas biografias de Lautréamont e Barthes para a coleção *Encanto Radical*, na década de 80, que atingiam leitores muito variados.

O início do processo, em livro, se dá já nos anos sessenta, com a publicação de *O novo romance francês*, de 1966, cujo intuito se evidencia

desde as primeiras linhas: apresentar um dos frutos maturados da prática ficcional francesa, a chamada “escola do olhar”, polêmica e instigante.

Além do intento de estabelecer a ponte entre a França e o Brasil, outro elemento, inquietante para os poderes constituídos da República das Letras, já se mostra, em toda sua evidência e ousadia, no livro *Falência da Crítica* de 1973, resultado de sua tese de doutoramento, mais tarde publicado também na França.

Essa ousadia tem origem na sua invulgar capacidade epistemológica de formular questões sempre espinhosas sobre limites e condições do conhecimento de cada corrente crítica. Na introdução ao livro, Leyla destaca o salutar alcance do tema, afirmando que o intérprete não pode deixar de se fazer perguntas sobre a própria atividade, seus fundamentos teóricos, campo, objeto e métodos.

Evidentemente, Lautréamont é um autor que se presta bem a mostrar o perigo de afirmações peremptórias, classificatórias e definitivas. Daí a estupefação que sempre acompanhou sua obra e a possibilidade de se consignarem nela os limites de cada aproximação teórica.

Nesse livro, a presença de Roland Barthes já é uma constante, apontando um diálogo decisivo de sua carreira, o estabelecido com o inspirador de uma quase utopia crítica, estampada no livro *Texto, crítica, escritura*, publicado em 1978, a partir de sua tese de livre-docência. Lá estão, também, Blanchot e Butor, com suas visões provocantes do ato crítico. Novamente, Leyla está em ação, propondo um novo olhar sobre nossa atividade.

Refinamento, sensibilidade e erudição vão de par, agora, com a prática escritural, em que o saber se torna, mais uma vez, um convite ao prazer da pluralidade e do risco, pois estamos longe das certezas de alguns

caminhos de cunho estrutural ou sociológico, que correm o risco de esterilizar o ato crítico. A detida reflexão sobre grandes autores da modernidade francesa, seja no campo ficcional, poético ou crítico, não a afastou de nossa vida literária. Ao contrário, seu intuito de compreender melhor e mais profundamente certa arqueologia da cultura brasileira a impulsionou a criar um projeto de largas dimensões acadêmicas e decidida vocação histórico-literária.

Se a umbilical vinculação com a França, ao longo de nosso desenvolvimento, era formulada pelos historiadores da cultura sempre em termos amplos, mister se fazia um estudo mais pormenorizado de cada momento, de cada autor, no sentido de ir juntando as peças do imenso mosaico que são as relações Brasil-França. O lugar-comum da crítica dizia: a França não ocupou militarmente o Brasil, mas o fez de modo mais forte e insidioso, graças a seu exército de livreiros, modistas, pintores, professores e escultores que para aqui afluíram, ao longo do século XIX, precedidos pelo brilho da cultura francesa dos séculos XVII e XVIII.

Como orientando, pude, então, assistir ao nascimento do projeto denominado *Léryy-Assu*, de 1978, em homenagem ao primeiro francês simbolicamente antropofagizado pelos brasileiros. Trata-se de um projeto ambicioso e certo, porque baseado numa realidade histórica indiscutível, aberto para outros campos do saber e, ao mesmo tempo, buscando inspiração metodológica em teorias modernas do texto literário, entre elas a intertextualidade e a estética da recepção.

Não por acaso, portanto, foi essa uma das mais frutíferas associações de mestrandos e doutorandos que conheci, na nossa faculdade, pois ao longo de mais de dez anos, pudemos nos reunir para trocar informações e debater questões de interesse. A solidão da pesquisa universitária ficava afastada, substituída que era pelas inúmeras provas de solidariedade do grupo, sempre orientado, segura e acolhedoramente por Leyla.

Resultado: mais de uma dezena de dissertações e doutorados compõem hoje um respeitável acervo da história literária e cultural do Brasil, graças a trabalhos que vão das hesitações neoclássicas da *Revista da Sociedade Filomática* até a exuberância criativa de um Vicente do Rego Monteiro, no século XX, passando pelos baudelaireanos, pela polêmica Alencar-Nabuco, pela crítica de fim do século XIX e pela fundação da Academia Brasileira de Letras, momento privilegiado e simbólico do encontro das duas culturas.

Esse olhar que contempla a presença fundamental da cultura francesa entre nós constitui não apenas uma demonstração do melhor viés comparativista, mas também uma somatória de dados que podem balizar melhor o conhecimento da literatura brasileira e evidenciar seu caráter de entrecruzamento de tendências. Aliás, empregar o conhecimento da cultura francesa para melhor compreender o Brasil talvez seja uma das vocações mais legítimas do Departamento de Letras Modernas e Leyla a vem realizando amplamente.

Os desdobramentos não se fizeram esperar, chamando a atenção de pesquisadores franco-brasileiros e possibilitando a criação do Núcleo de Pesquisas Brasil-França (NUPEBRA), em 1989, sediado no Instituto de Estudos Avançados e coligado à Maison des Sciences de l'Homme. A atuação decidida de Leyla Perrone-Moisés, que foi a primeira coordenadora, resultou em colóquios, intercâmbios com universidades e centros de pesquisa franceses, além de publicações que dão conta da reflexão de docentes de várias latitudes. Por outro lado, seus seguidores continuam buscando as fontes francesas na produção de autores brasileiros, numa tentativa de mapear o poderoso influxo e nossas respostas a esse tipo de contato.

A relação com o estrangeiro deu margem a várias temporadas docentes nos Estados Unidos e na França, em cursos ligados à literatura

francesa e às de língua portuguesa, demonstrando o largo espectro de preocupações que possibilitariam, por exemplo, a série de trabalhos relativos a Fernando Pessoa, um de seus autores de eleição. Dentre eles, se destaca a publicação de 1982, *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*, em que Leyla percorre um amplo leque de referências culturais, chegando até a uma das representações da filosofia Zen, o haicai.

A essa gama de atividades não deixou de se somar a faceta administrativa, demonstração de que Leyla, se necessário, poderia imprimir sua marca pessoal às lides quotidianas do Departamento de Letras Modernas. Assim, de fins de 1983 a 1987, ocupou a Chefia do Departamento, ampliando, ainda mais, a carreira, a qual se perfaz, também, com o envolvimento institucional, tantas vezes desgastante, mas necessário para que se tenha uma visão ampla da universidade, com sua precariedade de recursos e intrincada rede de situações, conflitos e interesses. No entanto, o poder pelo poder jamais a atraiu, talvez porque tivesse sempre em mente o sentido amplo que Barthes deu à palavra *sapientia*: “nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível”.

A *sapientia* impulsionou Leyla para projetos ainda mais amplos, que a aposentadoria seguramente pôde propiciar, tendo lhe dado condições de recolher e revisar uma série de artigos da década de 70 e 80, publicando, em 1990, uma das mais penetrantes obras de crítica literária da década. Estou falando de *Flores da escrivantina: ensaios*, livro no qual se somam perspectivas variadas, que vão do estudo sutil e revelador de autores do porte de Balzac e Stendhal a formulações comparatistas de vária ordem, sem esquecer o equilíbrio das considerações psicanalíticas, sobretudo lacanianas, ao nosso Guimarães Rosa. Como se vê, o espectro de preocupações é largo e marca, conforme já anunciei, Leyla, que não se recusa a indagações de outra ordem, enriquecendo o campo da crítica literária, pela integração necessária e pelo progresso metodológico.

Aumentando o leque, Leyla efetua uma pesquisa singular, ligada à história da presença estrangeira entre nós, especialmente a dos famosos navegantes franceses normandos e bretões, que descobriram o Brasil, à sua maneira, e segundo seus interesses muito particulares. Assim, em 1992, tivemos a publicação de *Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*, prêmio Jabuti de 1993, na categoria Ensaio, e publicado em 1995, na França.

Recentemente, Leyla nos brindou com uma sólida reflexão sobre os juízos de valor em crítica literária, retomando proposições vigorosas relativas aos cânones e à história literária. Mais uma vez ela busca compreender limites e desfazer algumas idéias que andam circulando pelos meios universitários. Para tanto, escritores críticos e os grandes nomes presentes na eterna circulação literária, como Homero, Dante e Shakespeare, acompanham o leitor em suas *Altas Literaturas*, título da publicação de 1998.

Nada mais salutar para a reflexão literária do que esse percurso amplo, provocativo e sempre generoso, porque aberto ao novo e propício a revisões. Eis aí o perfil da nossa homenageada: tradutora, animadora cultural, professora, pesquisadora, orientadora, jornalista, e sei também que artista plástica. Com todas essas atividades, podemos esperar para o futuro ainda mais contribuições para a cultura brasileira em geral e literária em particular.

Por isso mesmo, Leyla, o título de Professor Emérito busca reiterar a importância de uma carreira tão bem sucedida e também a necessidade de se marcar com esse galardão o alcance de uma atitude desassossegada, incansável, sempre disposta a lutar por uma idéia, sempre presente em manifestações culturais de envergadura.

Conforme afirmei no início, uma ocasião como essa permite a reflexão sobre o papel do intelectual, do professor. A esse respeito, convém

lembrar mais uma vez que Leyla não apenas sabe, mas também faz saber, permitindo o enriquecimento da sociedade em que atua e servindo de ponto de referência para colegas no Brasil e no exterior, que encontraram novas formas de prazer na leitura de um Lautréamont, de um Barthes, de um Flaubert, do seu queridíssimo Fernando Pessoa. Enfim puderam, se Leyla me permite o empréstimo, navegar gostosamente em *Altas Literaturas*.

Por esses anos todos de convivência acadêmica, pelo seu exemplo de coragem intelectual, refinamento e lucidez, Leyla, só nos cabe lhe dizer: muito obrigado.

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

Leyla Beatriz Perrone-Moisés

Muitas foram as ocasiões em que fiz uso da palavra, neste salão nobre da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Ocasões rotineiras, as das reuniões da Congregação, quando falei pouco e ouvi muito; como representante dos Livre-Docentes, dos Professores Adjuntos e como Chefe de Departamento. Outras ocasiões, em que tive de falar mais e o melhor possível, respondendo aos argüidores de minhas teses e memoriais. E ocasiões muito estimulantes de diálogo acadêmico, em que desempenhei o papel de argüidora dos trabalhos alheios. Muito sinceramente, nunca me ocorreu a hipótese de que um dia eu aqui falaria como Professor Emérito. Grande risco, porque “emérito” é muito próximo de “imérito”, isto é, imerecido. Grande responsabilidade, porque esse título cria uma expectativa de fala magistral, carregada de experiência e de saber.

Pelo menos experiência, devo admitir que a tenho. Embora tenha iniciado minha carreira na Pontifícia Universidade Católica, da qual guardo grata memória, estou há quatro décadas na Universidade de São Paulo, desde a Rua Maria Antônia onde fiz meu curso de graduação, passando depois pelos barracões de Letras, em seguida pelo prédio “novo”, e finalmente pelo prédio “velho” da Reitoria, onde continuo atuando no Instituto de Estudos Avançados. Os prédios se tornaram velhos ou novos, e eu fui tentando me renovar enquanto envelhecia. Um dos privilégios de nossa profissão é o de estarmos permanentemente em contato com pessoas de todas as idades, os mestres mais velhos do que nós, os colegas mais

jovens, os alunos sempre jovens. A coexistência desses grupos etários e o eterno retorno do calendário universitário criam, ao mesmo tempo, uma ilusão de permanência e uma necessidade de renovação.

Minha experiência tem sido a de uma professora de literatura, e o modo como tenho vivido essa especialização mudou bastante ao longo dessas décadas. Quando escolhi o Curso de Letras, a profissão futura de professora de literatura pertencia à categoria das profissões obviamente necessárias, úteis e respeitadas. Com o passar do tempo e as transformações da sociedade, o ensino da literatura foi sendo considerado como algo bonito e um tanto supérfluo, algo que não correspondia às necessidades mais prementes da sociedade, uma “perfumaria”.

O que dizer então de minha especialidade, a literatura francesa? Em 1936, Mário de Andrade já falava do “Declínio da influência francesa no Brasil”. Numa universidade de origem afrancesada, como a nossa, esse declínio só se tornou evidente a partir dos anos 70, quando o progressivo desaparecimento do francês no ensino secundário foi privando nossos cursos de graduação de sua função mais evidente, a função profissionalizante. Concomitantemente, naqueles anos de dura realidade política, a exigência de um engajamento nos problemas nacionais criava, no ambiente intelectual, uma certa desconfiança para com uma especialidade virtualmente “colonizada” e “elitista”. Nos anos 80, por razões não mais ideológicas, mas mercadológicas, foram as letras em geral que sofreram a pecha de “improdutivas”.

Ora, o ensino da literatura, de qualquer nacionalidade, não é elitista, mas democratizante. O livro ainda é o objeto cultural mais barato e acessível, e o texto do *Dom Quixote* ou de *Dom Casmurro* é o mesmo, num volume encadernado em papel bíblia ou num exemplar de banca de jornal. Se os leitores de literatura constituem uma elite, esta é aberta a

todos os alfabetizados, cabendo aos professores apenas mostrar o objeto sob sua melhor luz. Quanto à especialização em literaturas estrangeiras, ela não constitui necessariamente um afastamento da cultura brasileira, porque esta é o fruto da assimilação de muitos aportes estrangeiros e, sobretudo, porque qualquer reivindicação do “autenticamente nacional” é um erro antropológico de base.

Se me permitem uma auto-citação com valor meramente documental, eu dizia acerca de minha profissão, em 1982: “Que se possa assegurar a sobrevivência material com palavras ditas e escritas (e palavras sobre a palavra “inútil” da literatura) é algo que me encanta como um milagre”. Esse milagre continua a me espantar, e tenho até certo receio de chamar a atenção para ele, temendo que a sociedade ainda mantenha professores de literatura por mera distração e, de repente, se dê conta de que não temos nenhuma utilidade.

Entretanto minha certeza, não da utilidade imediata, mas do valor permanente da literatura, jamais se abalou. A certeza não me vem apenas do que a literatura me tem dado pela vida afora, mas também e principalmente da resposta de sucessivos grupos de alunos a esse dom que podemos repassar-lhes. Ainda me lembro de uma turma do curso noturno, no início dos anos 80. Aqueles alunos que tinham trabalhado o dia todo em escritórios ou bancos, que não tinham nenhuma intenção ou pretensão de se tornarem professores de francês, estavam ali resistindo ao cansaço e ao sono, nos últimos horários da sexta-feira, para ouvir falar de Baudelaire e Mallarmé! Eu mesma lhes perguntei por quê. E um deles me respondeu: “Isto é uma coisa minha, uma coisa livre”.

O ensino da literatura está sendo sujeito, atualmente, a uma série de questionamentos que têm a ver com sua finalidade e até com sua própria existência como objeto particular. Em todos os países há sinais inquietantes

do desfalecimento do ensino literário, identificado com a análise de qualquer texto de comunicação de massa, ou diluído no estudo dos referentes das obras, de seus contextos sociais ou de sua ideologia. Ora, o texto literário tem uma especificidade e um valor que devem ser preservados. Atualmente, há muita informação cultural circulando, o que não redonda em maior cultura geral, porque essas informações são superficiais, indiferenciadas, veiculadas sem nenhum critério de seleção e recebidas de modo aleatório. É como um antídoto a esse indiferentismo generalizado da informação que a literatura deve ser estudada e ensinada. A grande obra literária é meio de conhecimento, de crítica do real, e exercício da liberdade imaginativa, sem a qual a história é vivida como fatalidade. O acesso às obras dotadas desses valores e ao instrumental que permite sua melhor fruição é um direito do aluno, ao qual corresponde um dever do professor e uma função da Universidade.

Num Departamento de Letras Modernas, o estudo conjunto de línguas e literaturas estrangeiras vive da complementaridade evidente e da tensão latente entre objetivos distintos. Enquanto o ensino das línguas visa a comunicação corrente, e encontra assim uma justificativa imediata na necessidade e na demanda da mesma num mundo globalizado, o ensino da literatura tem as línguas apenas como base de uma comunicação de outro tipo, que questiona e critica a linguagem corrente no que ela tem de conformista e de estereotipado. O texto literário é linguagem em seu grau máximo de significação, e a comunicação por ele visada exige do receptor muito mais do que o simples domínio da língua. A reflexão sobre essas diferenças produz, nos cursos de língua e literatura, uma dinâmica salutar.

A convivência de cinco línguas estrangeiras modernas, em nosso Departamento, faz com que ele seja “globalizado” no melhor sentido da palavra, isto é, em seu sentido cultural. Os cursos universitários de línguas estrangeiras não têm como objetivo a simples proficiência comunicacional.

Para que um curso de língua aí cumpra sua função, é necessário o desenvolvimento de uma pesquisa lingüística específica e comparatista. Enquanto a pesquisa lingüística institui elos entre as diferentes línguas, o ensino da tradução, ofício e arte, constitui a ponte que as liga com a nossa própria língua, assim como o lugar em que língua e literatura se pensam e se encontram.

Tenho a honra de ser a primeira, dentre os professores do Departamento de Letras Modernas, a receber o título de Professor Emérito. Mais do que recompensar meus supostos méritos intelectuais, quero crer que este título traduz a estima de meu Departamento e de meus colegas da Congregação, e é isso o que mais me sensibiliza. O período em que fui Chefe desse Departamento foi bastante difícil para todos nós, na medida em que uma demanda coletiva de transparência e de participação democrática se chocava com um regulamento antiquado e hábitos de comando hierárquico há muito tempo vigentes. Por sorte, era também o tempo em que o diretor desta Faculdade era o saudoso Professor Ruy Coelho que, com sua profunda sabedoria e seu inabalável bom-humor, dizia nas reuniões do Conselho Interdepartamental: “Vamos ver como podemos contornar esse problema”.

Nas então contestadas reuniões plenárias de nosso departamento formaram-se hábitos de discussão democrática e um espírito de união entre professores de todas as categorias, alunos e funcionários. Nem sempre fui uma Chefe amena. A cobrança constante, por minha parte, de uma produção científica correspondente à atividade rotineira de ensino podia parecer excessiva. Vejo hoje, com satisfação, que essa cobrança se tornou desnecessária, já que o Departamento de Letras Modernas apresenta uma grande vitalidade no campo da pesquisa, da promoção de cursos extracurriculares, de colóquios, e numerosas publicações de alta qualidade.

Tenho também a honra de ser a segunda mulher a receber este título na FFLCH, sendo a primeira a ilustre Prof^a Maria Isaura Pereira de Queiróz. Não posso deixar de observar que as mulheres, numericamente tão significativas em nosso corpo docente, encontram-se aqui numa constringedora minoria. Outras colegas aposentadas mereceriam esse título, e seus respectivos departamentos deveriam lembrar-se delas como o meu se lembrou de mim.

Agora, só me resta agradecer. Quero inicialmente recordar com saudade e reconhecimento dois de meus mestres, que receberam merecidamente o título que agora me concedem: o Prof. Isaac Nicolau Salum, tão excelente professor que conseguiu fazer de mim uma boa aluna de latim e de filologia românica, e o Prof. Antonio Soares Amora, que me transmitiu, desde o secundário, um grande amor à literatura portuguesa. Gostaria também de agradecer, à distância, o Prof. Albert Audubert, por iniciativa de quem ingressei na então chamada “Cadeira de Francês”. Naquele tempo não havia concursos, mas o Prof. Audubert me julgou por assim dizer “sur travaux”, porque sem me conhecer pessoalmente, mas apenas pela leitura de meus artigos no *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*, considerou que eu devia voltar à Faculdade em que me formara. Agradeço também ao Prof. Décio de Almeida Prado, que me acolheu naquele *Suplemento*.

Agradeço particularmente à Congregação desta Faculdade, na pessoa de seu Diretor, Prof. Francis Aubert, ao Departamento de Letras Modernas, na pessoa de sua Chefe, à Profa. Sandra Vasconcelos, e ao Curso de Francês, representado por meu colega Gilberto Pinheiro Passos, que me saudou. Obrigada, finalmente, a todos os colegas e amigos que aqui vieram para me ajudar a carregar este presente.

<i>Título</i>	Outorga do Título de Professor Emérito a Leyla Beatriz Perrone-Moisés
<i>Editoração/Criação</i>	Serviço de Divulgação e Informação
<i>Coordenação</i>	Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros
<i>Diagramação</i>	Dorli Hiroko Yamaoka Wiviane Ribeiro do Carmo
<i>Revisão</i>	Lúcia Helena Ferreira
<i>Formato</i>	15 x 21 cm
<i>Impressão</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Tiragem</i>	200 exemplares

